ANNO XXIII DE O POVO DE AVEIRO — DOMINGO, 31 DE JULHO DE 1904 — N.º 1:059 DE O POVO DE AVEIRO

Redacção e administração
R. de S. Martinho
AVEIRO

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 260

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2$500. Semestre, 1$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Annuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º Anno

ABAIXO A REACÇÃO!

VIVA A LIBERDADE!

Aveirenses, vós todos que veneraes a memoria de José Estevão, que vedes n'elle a gloria d'esta terra, ouvi as suas palavras, acatae-as, respeitae-as, cumpri-as. Só assim podereis mostrar o vosso amor pelo seu nome.

«O que eu pergunto aos srs. ministros é se julgam as irmãs da caridade uma instituição necessaria, acceitavel, sem perigos para a governação do estado; se se póde admittir nas circumstancias em que está, sem offensa do nosso pundonor nacional, sem sujeição dos poderes do estado; se querem, se não querem esta instituição; se teem ou não teem a coragem dos grandes ministros do imperador para dizer n'um relatorio lucidissimo, que se lêu perante a Europa sem nos fazer vergonha: **«As ordens religiosas não servem para nada, estão caducas, não as queremos.»**

As leis!... Mas estas leis não são só para serem interpretadas por jurisconsultos, são para serem sentidas por todos os homens publicos. (*Muitos apoiados.*) Estas leis gemem, estas leis clamam, estas leis bradam, estas leis cheiram a polvora, estas leis escorrem sangue de uma lucta fratricida, não parlamentar; nas luctas parlamentares nunca ha sangue escorrido; ha-o muitas vezes exaltado pela raiva ou congelado pelo despeito. Estas leis fizemo-las nós, batemo-nos por ellas, sanccionamo-las debaixo da bandeira que arvorámos. Estas leis levaram ao throno a dynastia da senhora D. Maria II, que teve sempre um instincto finissimo, instincto feminino, dos principios sobre que repousava a sua dynastia; porque nunca capitulou dentro da esphera do poder e das sympathias, com estas invasões sorrateiras de influencias ecclesiasticas, que para mim são suspeitas de serem contrarias ao governo representativo.

Estas leis, estes principios, e outros de somenos importancia, recordava o presidente do conselho de ministros á mesma soberana, quando n'uma representação disse áquella senhora: «Respeitae os direitos constitucionaes, por segurança mesmo do vosso throno»; ameaça que hoje se estranharia muito que se pozesse na bocca do sr. Quadros. E essa representação era d'um *meeting*, de que era presidente o mesmo sr. presidente do conselho e de que eu fui um indigno orador. E no fim de tudo disse-me que o partido progressista praticara um facto eminentemente constitucional, digno de ser imitado em todos os paizes onde existia systema representativo. Entremos pois n'este caminho, porque entramos no caminho constitucional, respeitemos estas leis, porque vivemos por ellas; são as nossas leis, são o nosso coração, são a nossa vida, são a nossa historia.

Sr. presidente, estamos a 9 de julho, (o 1.º discurso contra as *irmãs da caridade*, de que estamos extrahindo estes periodos, foi pronunciado em 9 de julho de 1861) faz hoje mesmo vinte e nove annos que com essas leis no pensamento entrámos sete mil perseguidos, sete mil expatriados, n'uma cidade que tinha mais do que nós essas leis no pensamento, **porque tinha visto n'essas congregações religiosas os instigadores e conselheiros d'uma tyrannia nefanda;** porque tinha visto sahir d'essas casas ou corporações religiosas **cohortes de testemunhas falsas, que tinham ido aos tribunaes levantar com os processos judiciaes os patibulos de onde deviam cahir as cabeças d'aquelles que ellas tinham marcado como infestos ao seu predominio.** (*Apoiados.*) E quem me diria que em uma assembleia onde vejo alvejar ainda tantas cabeças que tinham este mesmo pensamento, onde vejo tantos braços que em sua defeza se levantaram, se haviam de esquecer os perigos por que passámos e o sangue que então se derramou! (*Muitas vozes*: Não esqueceu, não esqueceu.) Bem; estimo bastante ouvir a manifestação da maioria; mas não basta isso, é preciso que nos convençamos de que não podemos salvar os objectos que veneramos se não reunirmos todas as nossas forças constitucionaes e moraes **para desfazermos e contrariarmos as intrigas e embustes pelas quaes se quer repôr outra vez no seu throno e predominio estas instituições que nos combatemos, destruimos e desázemos.** (*Apoiados.*)

Sr. presidente, isto não é questão de irmãs da caridade, estão enganados, é mais alguma cousa, **é a questão das ordens religiosas;** (*Apoiados*) é a sua elevação ao estado primitivo.

O fanatismo religioso querendo por meio d'educação a seu modo desviar os nossos filhos dos principios e doutrinas que professamos, chama-lhes *filhos espirituaes!* Filhos espirituaes!! Como se eu admittisse que algum filho meu fosse filho do espirito de ninguem. (*Risada geral.*) A questão é grave e delicada, e é necessario que não haja flexibilidade nenhuma de espirito para a poder tratar convenientemente. (*Apoiados.*) Com que arrogancia diz um padre: «Meu filho, filho espiritual, filho de Deus e de mim, filho do meu espirito!» Filho de Deus e da religião, sim senhor; filho de vossa senhoria, de vossa reverendissima, de vossa eminencia ou de você, que ousa ir adeante e entrar no limiar moral da minha porta, não senhor. (*Riso.*)

Sou inimigo das irmãs da caridade, porque as considero como um ataque ao principio de familia; (*Apoiados*) e a caridade attribuida a uma certa instituição, com o piedoso fim de educar as creanças e tratar dos enfermos nos differentes paizes da terra, é uma malicia ostentosa feita em nome de Deus. Este cosmopolismo não me parece necessario, nem util. Um pae desvelado, no ultimo quartel da vida ou no vigor da edade, que tem todas as suas esperanças em que seus filhos, ou filhas principalmente, sejam o seu futuro, vê que as faces se lhes vão descorando, vê que a fronte se lhes inclina para a terra, vê-lhe a tristeza no rosto e inquire a, interpretando por algum desregramento do coração essa tristeza: «Que tendes, filha, que mal vos preoccupa o espirito?» «Nenhum, meu pae, falou-me Deus, e a Deus entreguei a minha vontade e espirito que deviam ser vossos. (*Apoiados*) Sou de Deus, que me fez uma lima nas mãos dos seus obreiros, como se vós não fosseis o melhor obreiro; sou de Deus e vou em nome de Deus correr mundo, para limar as asperezas de rusticidade, ensinando os ignorantes e soccorrer os que soffrem, velando junto ao leito dos enfermos.» E o pae ha de deixa-la ir? Em nome de Deus, não.

Eis como esses padres tratam de attrahir os corações d'essas innocentes virgens. Foi tambem em nome da religião que a inquisição levantava com mão impenitente essas fogueiras queimando as suas victimas, e não só as suas victimas, mas até os santos instrumentos da doutrina de Deus, os proprios livros da sua santa lei. (*Apoiados.— Vozes*: —Muito bem.) **Não se queima só queimando as carnes, carbonisando os ossos: queima-se apartando do coração, desfazendo e levando para longiquas paragens o que elle tem de mais caro.** (*Apoiados.*)

Respeito os actos religiosos de S. Vicente de Paulo; mas a camara não póde estranhar que eu empenhe todas as minhas forças, que recorra a todos os meios, que empregue a minha razão e intelligencia para combater esta doutrina, que julgo perniciosa ao socego das familias. **A camara já sabe que sou adversario jurado d'estas instituições.**

A virtude da mulher é a modestia e o recato, junto de seus paes e debaixo das vistas da sua familia.

O padre Vieira, falando dos governadores do Ultramar, que já n'esse tempo iam encher-se de riquezas nas nossas possessões, comparava-os com as nuvens (não sei se a figura philosophica é bem cabida) que vão encher-se ao mar, e que elevando-se ao firmamento vão despejar-se em longiquas regiões. «Vinde cá, dizia elle, nuvens ingratas, que viestes encher vos aqui, e que levaes o fructo que colhestes para longiquas provincias.» Digo tambem o mesmo. Virgem bella, que, educada debaixo das vistas do vosso pae, ereis para elle o seu allivio, a sua esperança, o seu contentamento e a sua congregação religiosa, para que ides levar tão longe o fructo dos exemplos paternos? *Vozes*: —Muito bem, muito bem.

Acho desnecessaria a instituição. Pois ha de ir uma irmã da caridade transportada em vapor, em caminho de ferro, para acudir aonde? Aonde está essa terra privilegiada de males e de doenças? Aonde não ha doentes a tratar, creanças para instruir ou velhos que precisem de ser consolados? Para que é esta organisação como a de um grande exercito; esta obediencia ás ordens dos superiores; estas marchas constantes para a America; da America para a Africa e da Africa para a Europa? Se isto se não citasse era bom. Mas tudo se cita, tudo se sabe, tudo se reproduz no parlamento, tudo se escreve nos jornaes. Se Deus quer que a caridade seja tão occulta, que a mão direita não saiba o que dá a esquerda, para que é então decorar a cabeça das suas sacerdotisas com um certo ornato, e cingir-lhes o corpo com uma certa e determinada fazenda, proclamando, festejando e assignalando assim a caridade? (*Apoiados.*)

Vozes: —Muito bem.

Eu queria que a caridade, podendo ser, fosse invisivel; e as irmãs da caridade teriam redobrado as suas virtudes se se vissem as suas obras, sem nunca se saberem os nomes, ou se apontarem as pessoas que as praticavam. A mulher sobretudo da alta classe, que vae com os pés mimosos costeando as portas menos abertas á limpeza até chegar ao leito do pobre, e que ahi vae com a ignorancia da sua propria familia, envergonhando-se da sua propria virtude, mas sempre fiel aos seus sentimentos, lembrando-se dos soffrimentos dos seus similhantes; **essa mulher é mais christã, mais senhora e mais nobre que as irmãs da caridade.** A mulher com uma caridade verdadeira, sobretudo a mulher de uma alta gerarchia, que ajoelha perante o leito do mais infimo, querendo praticar a caridade, não ha de estar a vêr-se ao espelho das suas grandezas, nem recordar se dos degraus do seu palacio; ha de esquecer-se de tudo isto, e lembrar se unicamente que está debaixo da mão de Deus e junto do povo que nasceu do pó, como ella e como todos os grandes. Esta é a verdadeira caridade.

A caridade, para mim, deve ser livre, espontanea (*Apoiados*) instinctiva, livre de toda a suspeita de vaidades humanas. A caridade não admitte recompensa, nem galardão, nem menção. A caridade está toda dentro do coração do homem e da mulher; o homem caridoso envergonha-se de que sejam citadas as suas acções virtuosas.

A caridade é uma poesia do coração e não admitte regras; é como a poesia do sentimento que se lhe pozerem ao lado os preceitos de Horacio, e as tres unidades de Aristoteles, perdeu-se o esforço, fugiu o estimulo, morreu o genio; e a caridade é uma arvore immensa que cobre a humanidade toda, e que depois que foi regada com a sangue de Christo cresce sempre na extensão do desenvolvimento do genero humano; esta caridade vale muito mais que os bosquetes recortados que só podem dar sombra ás pessoas mimosas que os cultivam, mas que não podem dar larga sombra a toda a humanidade que soffre. (*Apoiados.— Vozes*: Muito bem.)

As irmãs da caridade nasceram n'uma epoca de brutezas e de sentimentos menos dignos e menos apurados de humanidade; (*Apoiados*) hoje diz se que a civilisação moderna tem corrompido os costumes: **pois eu gosto muito mais da corrupção d'estes tempos d'agora, do que das virtudes do tempo passado.** (*Apoiados*) Eu espero muito mais d'estes principios, que se dizem subversivos da moralidade humana, do que espero d'aquelles que então predominavam n'umas certas classes que se assenhoreavam das consciencias julgando que eram cousa sua (*Apoiados*) e tambem dos bens que possuiam, julgando que lhes pertenciam. (*Apoiados*) O sentimento nacional de caridade é inexgotavel entre nós, (*Apoiados*) está estabelecido em todas as classes e em todas as localidades, (*Apoiados*) por todos os modos e maneiras, e não quer que haja uma corporação especial para este fim (*Apoiados*) e é preciso que a não haja para que não esmoreça esse sentimento com distincções dadas a uma classe que a não merece, nem é digna de galardão, porque foi caritativa.

Uma mulher com quatro filhos que choram de fome, que distribue, apezar d'isso, metade do seu tempo, do seu carinho e do seu pão com uma visinha desgraçada, não gosta da differença que se faz da sua classe, que é dirigida pelo sentimento natural de beneficencia, quando vê uma outra abastada, honrada, elogiada, correndo de carruagem, pregoando a caridade. (*Apoiados.*) Eu não participo d'esses preconceitos e reparos que se fazem, porque a caridade se exerce de carruagem, mas é preciso que quem assim a exerce se lembre, não do grande salto que deu para descer da carruagem, e entrar na casa do pobre, mas do salto que deu para subir a ella, porque a sua posição lhe trouxe o dever de soccorrer os desvalidos.

MANIFESTAÇÃO CLERICAL

Affronta aos liberaes de todo o paiz e, especialmente, aos liberaes de Aveiro

A IMMACULADA CONCEIÇÃO

O anniversario do dogma da *Immaculada Conceição* é o anniversario do periodo mais reaccionario, em politica e em religião, que a Europa atravessou desde a quéda da primeira republica franceza.

Os liberaes deveriam ver isso, e não veem! Deveriam reparar attentamente nos propositos dos reaccionarios, e notar que não é uma simples festa religiosa que elles teem em vista, a commemoração d'uma data meramente espiritual, mas sim, e unicamente, solemnisar um periodo de profunda reacção religiosa e politica, deixando assim bem patentes as suas eternas aspirações de despotismo, de tyrannia, de jugo das consciencias, de dominação universal.

Não olham para isto, os liberaes! Não veem isto, os republicanos, cujos orgãos jornalisticos conservam, em parte, o mais rigoroso silencio sobre os manejos dos reaccionarios portuguezes, como se se tratasse da coisa mais inoffensiva e mais indifferente do mundo!

Que inconsciencia! E que ignorancia!

O periodo do dogma da *Immaculada Conceição* foi representado, no espiritual, por Pio IX, o feroz ultramontano, o homem da *Infallibilidade*, o homem do *Syllabus*, este supremo attentado á consciencia humana. E, no temporal, pelo *frascario* das Tulherias, o assassino do dois de dezembro, o brutal imbecil que, depois de calcar aos pés a liberdade e o direito, arrastou a França á ignominia de Sédan.

Reinava em Hespanha Izabel II, sanguinaria e dissoluta. O predominio politico da Europa estava, porém, nas mãos de Napoleão III, o satyro impudico, que synthetisa toda uma epocha de crimes e torpezas.

Entre o papa e o imperador dos francezes, que, de mãos dadas, affrontaram espantosamente a consciencia universal, zombando da justiça e escarnecendo a verdade, existia o mais intimo e perfeito accordo. Luiz Veuillot, o filho mais querido de Roma, o mais auctorisado e legitimo representante do *Summo Pontifice*, deante do qual, por ordem da *Santa Sé*, se curvava, humilhado e vencido, o proprio alto clero de França, com homens á frente taes como Sibour, Guibert e Dupanloup, chamava a Napoleão III *espirito verdadeiramente grande, verdadeiramente liberal, verdadeiramente real*. Os catholicos deviam-lhe *não só apoio mas reconhecimento*. O seu governo era para elles um *dom da providencia. A providencia enviou-o para deter a bordo do abysmo a França e a Egreja.*

Taes eram as palavras dirigidas por Luiz Veuillot, o *vice-papa*, ao assassino do dois de dezembro, ao despota repugnante, ao traidor, ao algoz dos liberaes e dos republicanos. A'quelle que os bispos recebiam, quando, ao percorrer a França, entrava nas suas dioceses, com os gritos clamorosos, enthusiasticamente correspondidos por todo o clero, de: *Viva o salvador da sociedade!*

Isto são factos historicos, que ninguem desmente.

O dogma da *Immaculada Conceição* foi proclamado a 8 de dezembro de 1854, quando o *Univers*, folha de Veuillot, verdadeiro orgão do Vaticano, reclamava a *restauração da Inquisição*, exaltava o *morticinio do Saint-Barthelemy* e a *revogação do edito de Nantes*. Nem sequer foi proclamado n'um concilio ecumenico. O papa reuniu em Roma um grupo de bispos doceis, e impoz o dogma com a sua *auctoridade pontifical*.

Alguns padres protestaram. Dizia-se que um d'elles—mas não temos agora elementos para o affirmar—fôra o bispo de Vizeu, Alves Martins, que, no emtanto, se fosse vivo—isto não temos nós duvida alguma em o affirmar, nem ninguem que o conheceu—correria com uma vassoira a clericalha insolente, e impudente, que está explorando, e deshonrando, a capital da Beira Alta. O abbade Laborde de Lectoure, esse foi a Roma, para depôr o seu protesto aos pés do proprio *Santo Padre*. Preso e revistado, foi expulso da *cidade eterna* em vinte e quatro horas.

A proclamação do dogma foi recebida em França com festas delirantes. O imperador, não contente de haver subscripto para ellas, do seu *bolsinho particular*, (sic) com quantias enormes, mandou fundir parte dos canhões tomados em Sebastopol para construir com elles, afim de ser collocada no rochedo de Corneille, a estatua colossal de Notre-Dame du Puy, mais alta que a de S. Carlos Borromeu no lago Maior, que os antigos colossos do Forum, de Nero e Diocleciano, tão alta *que levasse até ás nuvens o testemunho brilhante da alliança entre o imperio e a Egreja*.

Os reaccionarios portuguezes não commemoram, pois, outra vez o dizemos, uma data espiritual, um acto do culto catholico sem significação politica, uma festa de crentes que não envolva proposito de affirmação de principios offensivos para a liberdade. Não. Pelo contrario. O dogma da *Immaculada Conceição*, que se não deve confundir, como ha dias observava muito bem *O Debate*, com o da *Virgindade de Maria*, não é um acto puramente espiritual. Debaixo d'esse ponto de vista foi discutido muitas vezes, e mal acceite, por alguns dos proprios padres. Festeja-lo, não é festejar uma aspiração de crentes. E' festejar uma aspiração politica. Aspiração de dominio, de absorpção, de dominação, de tyrannia, de tyrannia do pensamento, de tyrannia da consciencia, de tyrannia papal.

E' a politica odiosa de Pio IX, como justamente, ainda, observava *O Debate*, é essa politica reaccionaria que Pio X, José Sarto, tenta, novamente, resuscitar, impôr, executar, que os reaccionarios consagram, que os reaccionarios applaudem, que os reaccionarios festejam.

Reivindica-se o jugo da razão. Eis tudo.

A virgem é um pretexto.

E' essa politica despotica, essa politica de força, essa politica de papa-rei, que dominou a França ás vezes contra a propria vontade do imperador. Uma ou outra vez o *frascario* das Tulherias tentou libertar-se d'ella. Debalde. O ultramontanismo tinha guarda avançada, e poderosa, dentro da praça. Era a imperatriz, a *protectora dos bispos*, como lhe chamavam.

O imperador tinha-se apoiado no clero como elemento de segurança para um regimen absoluto, immoravel, indigno, de attentados permanentes ao direito e á justiça. Houve instantes, todavia, em que o jugo lhe pareceu pesado. Nunca d'elle, porem, se libertou. E para isso concorreu poderosamente a imperatriz.

A imperatriz, a imperatriz! A devota imperatriz! A discipula do *Sacré Cœur! A protectora dos bispos!*

Liberaes portuguezes, liberaes portuguezes, apprendei na historia.

E vós, republicanos, que não vêdes as coisas, ou que só as vêdes quando todos os outros estão fartos, já, de as vêr, lembrae-vos, a tempo, de que foi á sombra da vossa indifferença, da vossa passividade, da vossa ignorancia, que a reacção religiosa e politica se infiltrou a pouco e pouco, profundamente, no organismo nacional.

As vossas responsabilidades são tremendas.

Alerta, alerta!

A's armas contra a reacção!

ENGANOU-SE

O Debate, referindo-se á projectada manifestação dos clericaes em Aveiro, diz que o papel *Campeão das Provincias* foi em tempos um *orgão da opinião liberal aveirense*, e, como tal, um dos mais *enthusiastos cooperadores da consagração feita em 1889 á memoria de José Estevão*.

Enganou-se.

Esse papel, cujos directores e inspiradores foram os introductores das irmãs da caridade no nosso hospital em 1888, cobriu de injurias, mezes seguidos, o grande orador, chamando-lhe só isto: Discursador mediocre, orador da Porcalhota, babel de parvoiçadas, traidor, renegado, ingrato, pobre de espirito, idiota, lazaro decorando-se com a palheta do jogral e com o roupão de guizos afim de encobrir as ulceras do corpo, denunciante, mentiroso, corrupto, indigno, truão, batoteiro, calumniador, caricato, villão, caracter ignobil, especulador, trapaceiro, frivolo, charro, **falsario, infame, assassino e ladrão.**

Só isto!

Acha *O Debate* que são titulos a *orgão da opinião liberal aveirense?*

Note que lhe chamava todos esses nomes, por entre muitas accusações infamantes, precisamente quando o grande orador sustentava na camara dos deputados a sua grande campanha contra as irmãs da caridade!

Talvez *O Debate* não saiba que José Estevão, nas eleições de 1861, só obteve 137 votos em toda a cidade de Aveiro, sendo **estrondosamente** derrotado, d'uma fórma **sem precedentes**, pelo proprietario do *Campeão das Provincias*.

Não sabia?

Pois vá apprendendo, que saber não occupa logar.

Foi esse o modo como Aveiro pagou os serviços locaes que José Estevão lhe tinha prestado, e consagrou o enorme talente do grande orador, o seu grande civismo, os extraordinarios serviços que ao filho illustre d'esta terra devia a causa da liberdade e da patria.

Aqui nunca medraram e nunca foram bem tratados senão os insignificantes. Homens de talento, nenhum. Parece que nasceram aqui por excepção!

Quando o governo quiz guerrear José Estevão *á má cara*, encontrou viva opposição em muitos homens de fóra da terra, que tinham pelo grande orador verdadeiro culto. Em Aveiro encontrou todas as facilidades. Achou homens para tudo. Emfim, as *influencias locaes* não conseguiram arranjar mais do que **137 votos**, em toda a cidade, a favor do grande tribuno.

Que mais é preciso dizer-se?

Se não fosse Ilhavo, e, sobretudo, Vagos, José Estevão não teria proferido os famosos discursos contra as irmãs da caridade. A Vagos se devem. Foi Vagos, que, n'esse anno, o levou ao parlamento. E, comtudo, José Estevão não tinha nascido em Vagos. E, comtudo, Vagos não lhe devia coisa nenhuma.

Aveiro, que lhe devia tudo, Aveiro, que fôra seu berço, injuriou-o, infamou-o e derrotou-o.

Derrotou-o na urna precisamente com o nome do homem que era proprietario e director do periodico que lhe dirigiu as mais revoltantes injurias.

E derrotou-o com uma maioria esmagadora.

Felizmente Aveiro resgatou essa nodoa e cumpriu, embora tarde, o seu dever de gratidão.

Importa manter essa nobre attitude e não mais se deixar arrastar por insignificantes e especuladores ignobeis.

Hygino de Souza

Falleceu em Lisboa o sr. dr. Hygino de Souza, lente da escola medica e antigo republicano.

Era um homem de talento, que sempre se conservou fiel aos principios republicanos, tendo desempenhado um papel importante no movimento academico depois do *ultimatum*.

Foi um dos fundadores, e redactor principal, do antigo jornal *A Patria*.

Sentimos a sua morte.

Veja-se a 4.ª pagina.

Cartas d'Algures

29 DE JULHO.

O Debate troça, e com razão, de um jornal monarchico que, a proposito dos artigos publicados na imprensa republicana sobre a municipalisação dos serviços de viação, e outros, diz que as folhas democraticas andam agora a entreter os leitores com *as ultimas novidades do estrangeiro*.

Feliz ignorancia! diz *O Debate*.

Feliz não sei. Para o paiz é uma grande infelicidade.

Em seguida, *O Debate* mostra como isso é coisa velha, mesmo em Portugal.

Na verdade. Pois ha quantos annos temos nós, por exemplo, talhos municipaes? Eu conheço-os ha mais de 35 annos. Desde que me entendo. Não só em Lisboa como em outros municipios do paiz.

Pela carta de lei de 19 de julho de 1888, foi o governo auctorisado a auxiliar o estabelecimento de padarias municipaes em Lisboa, Porto, e outras povoações importantes, concedendo:

1.º Edificios nacionaes para n'elles se estabelecerem as mesmas padarias.

2.º Importação livre de direitos das machinas e utensilios necessarios para a panificação.

Felizmente as taes padarias municipaes não foram avante. Felizmente! D'outra forma eram tres males. Pão ainda peor de que esse que se come para ahi, mais caro e *deficit* municipal.

A municipalisação dos serviços publicos é um principio excellente. Comtudo, como já tive occasião de dizer n'uma d'estas cartas, publicada no *Povo de Aveiro* de 25 de outubro do anno findo, em Portugal, n'esta altura, a avaliar pela experiencia dos talhos municipaes, conhecido o nosso feitio burocratico, os nossos habitos de mandrice, a nossa falta de zelo, o processo indigena de *fazer céra*, a theoria, muito arreigada, de que quem rouba ao estado e ao municipio vae para o céo, deverá dar pessimos resultados.

O municipio de Lisboa perdeu 500 contos com a experiencia dos talhos municipaes. E perdeu 500 contos, fornecendo apenas—note-se bem, que esta circumstancia é muito importante—a 4.ª parte da população de Lisboa. Se tivesse fornecido todo o publico da capital é licito suppôr que perdesse mais de 2:000 contos de réis.

Mas por culpa do compadrio monarchico, dirão as folhas democraticas. Não se póde avançar tanto, porque os republicanos dominaram no municipio de Lisboa. Justiça acima de tudo. E quando não dominaram, tiveram, n'um largo periodo, o direito de fiscalisação. Sobre isso nem é bom falar.

Ora se a camara perdeu 500 contos com os talhos, quanto não perderia com as padarias, se se tem mettido n'essa aventura! Só quem não sabe as enormes difficuldades de pessoal com que luctam os industriaes de padaria. Quem quer saber vê essas cousas de perto, vae observar, como nós temos ido. A questão de padarias é, na prática, um pouco mais difficil que a questão de talhos.

Quer isto dizer que se deixem em liberdade os monopolios e os monopolistas? De fórma nenhuma. Ninguem poderá concluir isso das minhas palavras. Não contesto mesmo, repito, a excellencia do principio da municipalisação dos serviços publicos, que em certos municipios extrangeiros tem dado excellente resultado. Digo apenas que o paiz, paiz de burocratas, de mandriões, de ineptos, está muito mal preparado para essas conquistas economicas, e que convem estudar o meio, e não só as theorias, antes de fazer affirmações absolutas.

Estudar o meio e estudar, a sério, as questões.

Assim, todo o mundo grita, a proposito de pão barato, contra os moageiros, *que são ladrões*, contra os padeiros, *que são ladrões*, contra projectados monopolios de fabrico e venda de pão, contra projectados *trusts* de fabricas de moagem, contra o diabo a quatro, e ninguem grita contra o

odioso regimen dos cereaes, que é a causa capital da careza do pão.

E' phantastico!

Não ha outro termo. E' phantastico!

Tirando *O Debate*, ainda não vi nenhum, absolutamente nenhum jornal democratico, investir com o odiosissimo, o excepcionalissimo regimen dos cereaes.

Ora como diabo ha-de ser o pão barato, emquanto o trigo custar **o dobro, e mais,** do que habitualmente custa na França e na Allemanha, duas das nações mais proteccionistas da Europa?

Não se percebe isto?

Eu sou inimigo de todos os monopolios. Acho detestavel o monopolio do pão, acho detestavel o monopolio da farinha, mas acho tambem detestavel o monopolio do trigo. Isto é que ninguem acha, na imprensa republicana. Só eu, e *O Debate*, que me tem dado a honra de transcrever os meus artigos. Mais ninguem. Os outros, gritando: *aqui d'el-rei contra os padeiros, aqui d'el-rei contra os moageiros*, não fazem o jogo do consumidor, por mais que o pensem. Fazem mas é o jogo feroz do grande rural, do dono da terra, do senhor feudal. E' este o primeiro a gritar, atraz do moageiro, atraz do padeiro: *agarra, agarra que é ladrão*. Com esse *truc* se salva, com elle fica impune, com elle illude os papalvos, com elle põe os jornalistas e as multidões ignaras n'uma pista falsa, n'uma pista errada.

O moageiro não é bom. Mais do que uma vez tenho aqui posto a lume os seus manejos, as suas especulações. Mais do que uma vez. Largamente e nitidamente. O padeiro tambem não é bom. São profundamente egoistas, e pouco escrupulosos, em regra, como, aliás, todas as classes n'esta terra. Qual é ahi a que póde atirar pedras á classe dos moageiros e á classe dos padeiros? Qual é? Que justiça é essa? São egoistas, os moageiros e os padeiros, são. São pouco excrupulosos. Mas o resto, mas as outras classes são a mesma coisa. Mas a verdade é que não ha nada mais estupido do que attribuir-lhes a elles a culpa na careza do pão. Não ha nada mais estupido do que não vêr que todas as tentativas de *monopolio* e de *trust* resultaram, e resultam, de dois factores capitaes: o regimen cerealifero e o numero excessivo de padarias e de fabricas.

O padeiro procura o monopolio, o moageiro procura o *trust*, porque não ganha. Ou ganha pouco. Esta é que é a verdade. E porque é que não ganha? Eis o que se devia estudar, antes de tudo. Se o ganho excessivo é um mal, não o é menor um ganho insufficiente. Quando uma industria arrasta uma vida miseravel, a falsificação, a especulação é certa. Recorre a todos os expedientes, licitos e illicitos. O producto é mau. O consumidor é fatalmente prejudicado.

Oliveira Martins escrevia, em 1888: «Quando em Lisboa temos um padeiro por cada 525 habitantes, e quando em Paris se considera já excessiva e aggravante do preço a relação de uma padaria para cada 1:615 habitantes, é força reconhecer que um tal estado de coisas reclama providencias». E provava com o exemplo da cooperativa de Roubaix quanto a pulverisação da padaria encarece a alimentação publica.

O sr. Fuschini escrevia:

«Na capital existem actualmente perto de 600 padeiros com uma producção média diaria de cerca de 225 kilos de pão (sejam duas saccas de farinha!) A industria assim fraccionada offerece os maiores inconvenientes. Como o industrial carece tirar do seu trabalho os meios de subsistencia, tanto menor é a sua producção, tanto maior será o preço por que póde vender o pão; mas como a elevação do preço não é illimitadamente possivel, d'aqui vem as fraudes do peso e da qualidade.

Por outro lado uma industria pequena não consente aperfeiçoamento de machinismos e de processos; por isso a industria da padaria em Lisboa está hoje, como ha seculos, reduzida ao trabalho manual mais imperfeito e dispendioso.»

E cita, por seu turno, o exemplo da cooperativa de Angouleme.

O mal das padarias era e é o das fabricas de moagens. São em numero excessivo. E esmagadas pelo regimen dos cereaes, só teem um recurso: o *monopolio*, o *trust*, se estes termos são bem applicados aqui. Que não são.

E' perigoso o monopolio? E'. E' perigoso o *trust*? E'. Muito perigoso. Mas então, em vez de gritarmos injustamente, e levianamente, contra o moageiro e o padeiro, estudemos sériamente o meio de melhorar as condições da sua industria.

E o primeiro seria modificar o actual regimen de cereaes. Sem isso, nada se faz. O grande mal está na lei. Protecção sensata e moderada para todos. Protecção escandalosa ou excessiva para ninguem.

Para ahi se deve dirigir toda a propaganda.

Diminuam o preço dos trigos. Acabem com o odioso *contrôle* dos grandes ruraes, com o monopolio vergonhoso, vexatorio, iniquo, que representa a lei dos cereaes, e, com o preço fixo da farinha e do pão, ficarão salvaguardados os legitimos interesses do consumidor.

A. B.

Veja-se a 4.ª pagina.

ESPIRITO REVOLUCIONARIO

A falta de espirito revolucionario é o traço mais caracteristico d'esta raça. Portugal nunca o teve. Nunca o teve a Hespanha. Teve-o sempre a Inglaterra. Profundamente. Teve-o sempre a França, com menos profundeza. Teve-o sempre a Suissa, e outros povos da Europa.

Comtudo, diz-se que a Inglaterra é *conservadora* e que a Hespanha é *revolucionaria*. E' que se toma o *espirito de pronunciamento* por *espirito revolucionario*. Confunde-se anarchia e desordem com revolução.

O espirito revolucionario não é outra coisa senão o espirito reformador, o espirito progressivo, systematicamente, tenazmente progressivo, systematicamente, tenazmente opposto ao despotismo, com a noção nitida da opportunidade, da occasião em que se requer o maximo esforço para vencer as difficuldades que se oppõem ao triumpho da idéa. Espirito audaz e energico, mas reflectido e prudente. Antes de tudo liberal. Evolutivo e tolerante no regimen de liberdade. Deixando expandir, fructificar, amadurecer as idéas novas, as idéas de reforma, as idéas de revolução antes de as converter em factos. Não hesitando em recorrer aos ultimos extremos, se, por ventura, o despotismo tenta coarctar o exercicio pacifico do livre exame, da discursão, do pensamento.

A Inglaterra é o exemplo mais vivo d'esse espirito. Portugal e Hespanha a sua negação mais completa e formal.

Até certo ponto é uma questão de instrucção, de educação. Em grande parte. No fundo é uma questão de temperamento.

E' certo que a vontade se forma, que a vontade se educa. Mas á custa de muitos esforços. Ai de nós quando ella não é espontanea nos temperamentos. E' como uma planta exotica, que nunca attinge a perfeição do seu meio natural, por mais que tentem crear-lh'o artificialmente.

O povo portuguez não tem vontade sua, espontanea, vivida, natural. Por isso mesmo não tem espirito persistente de revolta. Por isso mesmo não foi, nem será, revolucionario.

Faz desordens. Não faz revoluções. A desordem é impulsiva. A revolução é pensada. A desordem attinge um fim momentaneo. A revolução attinge um fim largo e profundo.

Em Portugal nunca houve revoluções. No trama, na execução e no alcance, só tem havido desordens, mais ou menos triumphantes. E mais ou menos vergonhosas! Revoluções, nunca. E' um paiz que vae a reboque da civilisação extrangeira, que não comprehende, que não percebe, mesmo quando julga comprehende-la, ou percebe-la.

Nos seus espiritos mais cultos, e mais altos, ha essa nota de incomprehensão, que se manifesta, a cada passo, em incoherencias tristes, em regressões deploraveis, e até, ás vezes, em verdadeiros dislates.

Um diz que não vale a pena instruir o povo. Outro diz que tanto faz derribar o sr. D. Carlos com a republica como derriba-lo com o sr. D. Miguel. Este ataca os ultramontanos, mas mantem a Egreja. Proclamando o seu odio a Roma, proclama o seu amor ao catholicismo. Aquelle fulmina o *papão* do *Infinito*, mas apresoa Deus a cada instante. Escreve pamphletos contra o *Eterno*, e orações ao mesmo tempo!

Um outro, escrevendo romances, escapella os vicios dos padres e põe na bocca dos seus personagens palavras eloquentes de negação religiosa. Escrevendo cartas, mostra-se horrorisado com o advento d'uma epocha em que as mulheres deixem de ser governadas pelo confissionario para serem governadas pela sua razão, e em que os cocheiros se elevem de brutos a philosophos!

Um outro, ainda, escreve historias varias fulminando o despotismo, fulminando a reacção, e morre de rosario ao pescoço, e irmãs da caridade á cabeceira, sustentando que só no poder do rei se poderá encontrar a salvação nacional.

E toda a camada dirigente do paiz se extasia deante d'essas incoherencias, d'esses desvairamentos, d'essas regressões, d'esses dislates. Sem perceber que esses homens, tendo muito talento artistico, são, no fundo, umas pobres glorias nacionaes. Pobres, sim. A intelligencia, que nobilita os povos, que os engrandece, que os impõe, é bem differente d'essa faculdade restricta, embora notavel, de pintar quadros, descrever paisagens ou entoar hosannas harmoniosas. E nós não temos senão isto. Desgraçadamente! Desgraçadamente! Não temos senão isto. E com falhas, que é infelicidade maior.

Paiz de imitadores inconscientes, de declamadores banaes, a toda a hora falamos *em homens*. O jornalismo democratico deu agora em descobrir homens. *E' um homem!* Não se ouve senão isto. Chega um: *é um homem!* Passa outro: *é um homem!*

Talvez por ser a coisa mais rara que tem havido n'esta terra.

Raros. Rarissimos. E os poucos que appareceram foram profundamente incompativeis com os outros.

O infante D. Pedro!... O conde de Castello Melhor!... O marquez de Pombal!... Mousinho da Silveira!...

Pobres d'elles, que por aqui arrastaram a vida como desterrados. A cumprir um fadario, a cumprir um castigo. Odiados, incomprehendidos, por isso mesmo *que eram homens*

Assim foi. Assim é. Assim será!

Todo o homem de pensamento e de acção, foi, é, ha-de ser, incompativel com este povo infantil. A primeira condição de popularidade, entre nós, é o *infantilismo*. Esta raça não quer homens. Quer meninos. Um menino doutor é o supremo desideratum nacional. Um menino chefe. Desde que seja um homem, o dissentimento é fatal. A incompatibilidade é absoluta.

Meninos dão-se com com meninos.

Entendem-se maravilhosamente, com os seus dislates, os seus devaneios, os seus brinquedos, os seus amuos, as suas inconsistencias, as suas graças, as suas incoherencias, a sua levesa de coração e de espirito.

Não falem, pois, em *espirito revolucionario*.

Só existe espirito revolucionario onde ha homens.

E em Portugal não ha homens.

Manifestação Liberal

Continuam activamente os trabalhos para a celebração condigna do anniversario da inauguração da estatua. A respectiva commissão tem idéa, ao que nos consta, d'adiar a festa para o dia 14, em vez de a realisar no dia 12, afim de não prejudicar os interesses das classes trabalhadoras. O dia 14 é um domingo. Pela nossa parte applaudimos esse adiamento. E' um simples adiamento de dois dias. Vale a pena.

A respectiva commissão vae convidar todas as associações populares do districto de Aveiro, e todas as collectividades liberaes do paiz, a fazer-se representar na manifestação. Ha quem pense em estender as festas commemorativas ao dia 15 de agosto, que é dia santo.

Tambem não achamos má idéa. D'essa forma poderiam as festas começar no sabbado á noite, por musicas e descantes populares, continuar no domingo por uma grande manifestação defronte da estatua, e depois por uma commemoração no cemiterio, em frente do tumulo de José Estevão e do tumulo que encerra as cabeças dos enforcados, um grande sarau litterario á noite, e concluir na segunda-feira com um grandioso passeio á barra.

Ganhava com isso a causa liberal e não perdiam nada os interesses da terra.

Como os clericaes adiaram a *sua manifestação*, não houve urgencia na realisação das conferencias annunciadas, como dizemos n'outro local, e, por esse adiamento, não poderão já as conferencias ser iniciadas pelo sr. dr. Bernardino Machado, que está impossibilitado, nas duas proximas semanas, d'aqui vir, por outros trabalhos urgentes attrahirem a sua attenção. Consta-nos, porem, que se não desistiu da idéa das conferencias, as quaes se prolongarão até setembro.

Antes do dia 14 de agosto realisar-se-hão, talvez, duas ainda.

ANNIVERSARIO

Pelos seus XIII annos de existencia, damos os nossos parabens ao nosso collega *Os Successos*.

A Grande Procissão

Confirma-se o boato a que nos referimos na local *á ultima hora*, aqui publicada no ultimo domingo.

Os clericaes, receosos *da tempestade*, adiaram a *grande procissão*, a procissão do *desaggravo*, de 14 de agosto para 11 de setembro.

Por este motivo, não se realisou ainda nenhuma das conferencias democraticas que annunciámos.

Não quer, porém, isto dizer, que ellas não venham a realisar-se. De fórma alguma. Não ha urgencia, apenas. Temos tempo. E como temos tempo aproveita-lo-hemos da maneira que nos parecer mais conveniente á nossa propaganda.

Devemos dizer, para evitar especulações, que não fazemos guerra nenhuma á procissão, como procissão. Repetidas vezes se fazem procissões em Aveiro sem nunca termos dicto contra ellas uma unica palavra.

Mas essas são as procissões do nosso povo, as procissões tradicionalistas da nossa terra. São filhas do sentimento popular. Não envolvem perfidias, nem especulações politicas.

A que se projecta é uma procissão de *Roma*, uma procissão de *ultramontanos*, uma procissão de *jesuitas*.

De *jesuitas!*

Essa é que nós combatemos, comnosco a combatem todos os liberaes, comnosco a combate todo o povo da cidade de Aveiro, por isso que, além de tudo ella representa uma affronta á memoria sagrada de José Estevão, uma offensa aos nossos brios, um insulto ás nossas tradicções.

Unamo-nos todos na defeza da gloria da terra em que nascemos.

A nossa carteira

Encontra-se na Figueira da Foz, o sr. conselheiro Bernardino Machado.

*

Está em Vagos, o sr. dr. Antonio Mendes Correia, distincto medico no Porto.

*

Com sua familia, regressou das Caldas do Moledo o sr. José Ferreira Gonçalves, conceituado negociante da praça do Porto.

*

Acompanhado de sua esposa, regressou das Pedras Salgadas, o sr. Delfim Pereira da Costa.

*

Tambem regressa hoje das mesmas Caldas, o sr. Manuel Gonçalves Netto, entendido algebrista.

*

Fez exame de 4.º anno da Escola do Exercito, ficando distincto, o sr. Egas Ferreira Pinto Basto, filho do sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto, digno presidente da camara d'esta cidade.

*

Foi nomeado sub-delegado do procurador régio da comarca de Vagos o sr. dr. Antonio Brito Ferreira de Rezende.

As nossas felicitações.

*

Partiu para Mathosinhos, o sr. Altamiro Marques, considerado negociante do Porto.

*

De Braga, regressou ao Porto, o sr. dr. Alfredo de Magalhães, illustre professor da Escola Medica d'aquella cidade.

*

Partiu para o Val da Mó, o nosso amigo e acreditado negociante d'esta cidade, o sr. José Almeida dos Reis.

*

Tambem partiu para Oichy, o sr. conselheiro Abel d'Andrade.

---

(57)

FOLHETIM

CAMILLO CASTELLO BRANCO

O OLHO DE VIDRO

(Romance historico)

CONCLUSÃO

Que destino tiveram aquellas duas freiras que, no dizer do defunto hebreu, rasgaram as mortalhas?

Saibamos quem eram os raptores. Eram os cadetes de cavallaria, filhos de um Heitor Teixeira de Macedo, capitão-mór de Coimbra, e fidalgo solarengo de Condeixa-a-Nova, muito aparentado com os Chamorros, Marreiros e Matosos, nobilissimos apellidos de familias aveirenses. Hespedados em casa d'estes Chamorros e Matosos é que os cadetes puderam ver soror Antonia Maria e soror Sebastiana Ignacia. Fazerem-se amados devia ser coisa de pequeno prologo, já porque as duas virgens não tinham das coisas d'este mundo mais experiencia que os anjos, já porque almejavam ser amadas, já porque os dois cadetes eram bizarros moços, galans palacianos, formosissimos demonios, que faziam tremer as calçadas e os corações das damas de Aveiro com a estrupiada dos seus alasões.

O namorarem-se, convencionarem-se e fugirem foi n'um prompto. A justiça, quando tal soube, quiz gritar; mas os Chamorros, Matosos e Marreiros amordaçaram-n'a. Os rapazes já não tinham pae: tinham mãe, uma santa matrona, que era a imagem das virtudes christãs. Appareceram-lhe os filhos, e ajoelharam pedindo recursos para fugirem de Portugal. A tremula espavorida senhora escutou a historia do criminoso passo. Não amaldiçoou os filhos. Chorou muito; e os velhacos, nas costas d'ella, faziam esgares de grandes farcistas!

A fidalga perguntou onde estavam as freiras. Soube que as tinham escondidas n'uma quinta distante. Quiz vêl-as, porque sabia a tragedia singular da familia do medico.

Por noite alta, entraram as duas meninas á recamara da viuva do capitão-mór de Coimbra. Foram mui benignamente recebidas. Aquella senhora tinha facilidades incriveis! Receber assim duas libertinas esposas do Espirito Santo!

Receiando que fossem presas, antes de irem onde a virtuosa senhora tencionava mandal-as, não as deixou mais saír da sua recamara.

O capellão saíu para Lisboa; e, oito dias depois, estava de volta com muitas cartas para cardeaes e ministros residentes em Roma.

— Podeis ámanhã partir, filhos — lhes disse ella. — Ide a Roma com estas cartas, entregae-as, e tornae com um bom despacho. De volta, podereis ser esposos d'estas meninas, que ficam no quarto de vossa mãe até que volteis.

Os moços olharam-se entre si, e ficaram como aparvados. Olharam para as freirinhas, e viram-n'as a chorar, fingindo que sorriam.

Não havia que replicar. Partiram para Roma.

Estavam em Lisboa ainda, negociando ordens de dinheiro sobre banqueiros romanos, quando foram chamados á pressa por ordem da mãe.

A fidalga adoecêra com todos os symptomas de proxima morte.

— Chamei-vos, disse ella, para que me assistaes ao enterro. Depois, ireis. Agora, jurae sobre estas Horas que cumprireis a minha vontade quanto a estas meninas. Depois de me haverdes sepultado, ireis para Roma, e, obtida a annullação dos votos d'ellas, casareis.

Juraram e cumpriram. A annullação dos votos foi prolongada com inqueritos de testemunhas no convento de S. Bernardino. O padre Braz não favoreceu nem contradictou a annullação.

Ao cabo, porém de trez annos' Antonia e Sebastiana receberam as bençãos em Roma.

Detiveram-se em Roma até 1750. Em 1751 já estavam em Portugal. Não procuraram o pae, porque lhes era odioso o homem, que as atirara com sua mãe e irmãs, vivas, novas e formosas, ao sepulchro de um convento, e lhes dera como flagellos a convivencia de freiras que enfeitavam a sua estupidez com as lantejoulas da hypocrisia, ou da refinadissima protervia de intolerantes. Odiavam por isso o pae, e o lucto, que vestiram por elle, não tinha nodoa de uma lagrima.

Morreram velhas, ignorando que motivo lançara um véo negro sobre o rosto de sua mãe, á hora em que o padre maldito lhe fallára.

Fr. Pedro de Abreu, o frade dominicano, chegou a ser qualificador do santo officio; mas, como quer que o marquez de Pombal apagasse a ultima lavareda do santo officio com o corpo de Gabriel Malagrida, fr. Pedro acabou sem assistir a um auto de fé espectaculoso, como tinham sido os da triumphal egreja, quando os relaxados perfumavam a atmosphera com os aromas dos ossos torrados.

A QUESTÃO CLERICAL

As Congregações em França

Duas vezes a França errou o seu caminho: uma quando Henrique IV atraiçoou a Reforma, outra quando Bonaparte atraiçoou a Revolução.

Já accentuámos a imbecilidade de Francisco I, o cynismo de Henrique IV, o fanatismo de Luiz XIV. Accentuemos agora o egismo torpe de Bonaparte.

Bonaparte mentia, como vimos, quando affirmava que tinha restabelecido os altares. «Como muitas outras affirmações cahidas da bocca do *carrasco das nações*, n'um fim facil de comprehender, esta era absolutamente contraria á verdade». (Bazalgete, livro citado).

Nunca a liberdade religiosa tinha sido mais completa em França. «Na epocha da subida de Bonaparte, diz Madame de Staël, os partidarios mais sinceros do catholicismo, depois de terem sido victimas por muito tempo da inquisição politica, só aspiravam a uma perfeita liberdade religiosa.»

Os philosophos, os deistas, e os scepticos, accrescenta Debidour,— e voltaremos agora a acompanhar, passo a passo, empregando as suas proprias palavras, o pequeno resumo da obra magistral a que nos temos referido—não desejavam tambem, naturalmente, o restabelecimento das relações entre o estado laico e o papado. Nenhum conselho geral reclamava a Concordata, nem criticava, em principio, a separação da Egreja do Estado. Este regimen, estabelecido pela Republica, tendo annullado a influencia do papa, tendo fortalecido espantosamente o poder civil, satisfazia, ao mesmo tempo, todos os crentes. «Sete milhões e meio de fieis contribuiam livremente para as despezas do culto catholico». (A. Dide —*Hérétiques et Révolutionnaires.*)

Desgraçadamente, o primeiro Consul queria outra coisa. Queria fazer da religião um serviço publico, um instrumento manejavel, e do clero um corpo de funccionarios promptos a servi-lo. Depois de ter abertamente proclamado o seu desprezo por todos os cultos, depois de se ter gabado, em proclamações impressas, de ser o *amigo dos verdadeiros musulmanos*, de ter *destruido* o papa, por fim declarava-se christão. Unir-se intimamente á Egreja, cujo poder elle vinha medindo ha muito, transforma-la em auxiliar docil da sua politica, taes eram os projectos de Bonaparte no dia immediato ao *Dezoito Brumario*. Elle proprio confessava aos seus intimos que a sua alliança com Roma *era um negocio puramente politico*. «Diz-se que sou papista, exclamava nos seus momentos de franqueza. Eu não sou nada. Fui mahometano no Egypto e sou catholico aqui. Não acredito em religiões.»

Era um cynico, um ambicioso, um aventureiro, como Henrique IV. «Quando Madame Napoleão foi informada por seu marido da *necessidade* de escolher o seu Esmoler, e Capellão, e de ouvir missa regularmente, deu uma gargalhada, tomando isso por mera zombaria; porém o olhar sério, e severo, e as expressões asperas e ameaçadoras do Primeiro Consul, logo a convenceram de que estava enganada. Para mostrar o seu arrependimento acompanhou á egreja, logo no dia seguinte, sua sogra, (esta era devota) que ficou summamente edificada da repentina mudança religiosa de sua nora, e não deixou de attribuir a um dos santos de sua devoção esta conversão de uma peccadora profana.» (*Historia Secreta da Corte e Gabinete de S. Cloud ou de Buonaparte*, traduzida do inglez em portuguez por Joaquim José Pedro Lopes—Lisboa 1810.)

E anda a felicidade dos povos, a causa da liberdade e da civilisação, á mercê d'estes tratantes!

Pio VI tinha morrido, desthronado e prisioneiro, em Valença. A 14 de março de 1800, o conclave, reunido em Veneza, elegia para o substituir o cardeal Chiaramonti, que tomava o nome de Pio VII. Bonaparte, julgando-o hostil á Austria e favoravel á França, apressou-se a acolher com manifestações de alegria essa eleição. A 5 de junho, no momento de deixar Milão, alguns dias antes da batalha de Marengo, reuniu os curas da cidade e affirmou-lhes bem alto a sua intenção de servir a religião catholica. «Declaro-vos, disse, que tomarei como perturbador da ordem publica, e inimigo do bem commum, castigando-o como tal da maneira a mais rigorosa e estrondosa, com a *pena de morte* se necessario fôr, todo aquelle que fizer o minimo insulto á nossa commum religião... Nenhuma sociedade póde existir sem moral. Não ha boa moral sem religião. Portanto, só a religião póde ser um apoio firme e duradouro para o estado... Quando eu poder entender-me com o novo papa, espero que terei a felicidade de remover os obstaculos que poderiam oppor-se á inteira reconciliação da França com o chefe da Egreja.»

O bandoleiro!

Poucos dias depois, vencedor em Marengo, mandava escrever ao papa pelo cardeal Martiniana, bispo de Verceil, a testemunhar-lhe o seu respeito, a sua dedicação, e a communicar-lhe as suas primeiras propostas, que eram estas: o primeiro Consul restituiria ao papa os seus estados; não consentiria o restabelecimento da republica romana; e pedia ao pontifice que lhe fizesse conhecer as suas idéas sobre o arranjo dos negocios ecclesiasticos da França, devendo esse arranjo ter por base o renovamento do corpo episcopal e a ratificação da venda dos bens da Egreja.

Pio VII ficou contentissimo, é claro, e apressou-se a manifestar a *sua sympathia* pelo bandoleiro, que, por simples interesse proprio, no fim alvejado de se proclamar imperador, atraiçoava vilmente os principios republicanos.

Assim, a 22 de setembro fez partir para Verceil monsignor Spina, arcebispo de Corintho *in partibus*, encarregado de fazer conhecer a Martiniana as intenções de Roma. Mas tendo Bonaparte manifestado o desejo de que as negociações se realisassem em Paris, Spina apressou-se a partir para alli.

Para se pôr em communicação com elle, o primeiro Consul designou, não o seu ministro dos negocios estrangeiros, Talleyrand, suspeito á clericalha, mas o abbade Bernier, o principal inspirador da insurreição da Vendea em 1793, que tinha acabado por pedir para servir Bonaparte.

O programma do primeiro Consul era claro e simples. O governo protegeria a religião catholica, mas regulamentando, á vontade, o seu exercicio. O territorio da Republica seria dividido em dez ou doze arcebispados e cincoenta bispados. Todos os antigos bispos dariam a sua demissão, e os novos seriam escolhidos de commum accordo entre o papado e o poder civil. Os bispos nomeariam os parochos, mas com approvação do chefe do Estado. Uns e outros prestariam juramento de fidelidade á constituição e ao governo. O papa reconheceria a secularisação dos bens ecclesiasticos. Emfim, os padres que se tivessem casado, ou abdicado as suas funcções durante a Revolução, seriam admittidos de novo na communhão da Egreja.

O papa fez vivas objecções a este programma. Queria, em primeiro logar, que o catholocismo fosse proclamado a unica e exclusiva religião do Estado, não admittindo a liberdade de cultos. Depois rejeitava, como injuriosa para elle, a idéa dos antigos bispos constitucionaes poderem ser chamados de novo ás suas sédes. Emfim, consentindo em não reivindicar, entre os bens do clero, aquelles que já tivissem sido vendidos, pedia, pelo menos, que o clero fosse investido na posse d'aquelles que o não estavam ainda, e fosse auctorisado a receber bens de raiz por meio de donativos ou legados.

N'este meio tempo, as victorias dos exercitos francezes na Italia e na Allemanha punham os Estados pontificios á mercê de Bonaparte. E como Spina levantava sem cessar novas difficuldades, o primeiro Consul mandou a Roma, com plenos poderes, em 8 de abril de 1801, Cacault, um diplomata experimentado e atilado.

Em Roma, Pio VII procurou ainda chicanar e ganhar tempo. Então Bonaparte, já falto de paciencia, seguiu o unico caminho que a Santa Sé conhece e respeita: mandou lhe um *ultimatum*. Pio VII, assustado, cedeu logo, enviando a Paris, sem demora, o proprio secretario d'Estado, Consalvi, que capitulou em quasi todos os pontos do litigio, limitando-se, para salvar as apparencias, a que se declarasse que a religião catholica era a religião da *grande maioria dos francezes*, já que se não podia declarar que era a exclusiva religião do Estado.

Foi verdadeiramente doloroso para o papa, e contra elle luctou até á ultima hora, o artigo em virtude do qual o culto catholico *ficava sujeito aos regulamentos de policia que o governo julgasse necessarios para a tranquillidade publica*. Ao mesmo tempo não lhe custou nada o juramento imposto aos bispos e aos parochos, apezar de ser muito mais restricto e servil do que o juramento imposto pela *Constituinte*, que tantas revoltas produziu.

E' que o papa bem sabia que a Republica, em França, já não era mais que uma ficção!

Sempre os mesmos.

E estamos chegados á *Concordata*, de que falaremos no artigo seguinte.

INSTRUCÇÃO SECUNDARIA

No lyceu de Lisboa deu-se um caso que não deixa de ter sua graça.

N'um dia em que era examinado um filho do sr. D. Fernando de Serpa, que faz parte do pessoal do Paço das Necessidades, houve desaccordo entre os examinadores. O professor Freitas da Silva queria reprovar esse e outros. Os membros restantes do jury não queriam que o filho do sr. D. Fernando de Serpa ficasse reprovado. E vae d'ali estes chamam o reitor do lyceu, o reitor apparece, substitue o professor Freitas da Silva, que suspende ainda por cima, e o filho do sr. D. Fernando de Serpa é approvado.

Assim refere *O Seculo*.

Mas que grande pagodeira!

Pelos arts. 77, 78 e seus §§ e pelo art. 88, relativo ao exame de sahida do curso geral, do *Regulamento do Ensino Secundario*, o jury julga as provas escriptas e oraes por *maioria de votos*.

Para que diabo chamaram os homens o reitor? Porque suspendeu o reitor o professor?

Não percebemos nada.

Mas vê-se que anda alli *moiro na costa*.

Então só quando foi examinado um filho do sr. D. Fernando de Serpa appareceram questões d'essas?

Só n'esse dia?

Que grande pagodeira?

TRIGOS

Da questão do pão, sobre a qual, aliás, muito haveria ainda a dizer, passaremos hoje, propriamente, á questão dos trigos, e do regimen cerealifero em Portugal.

Mas, antes de mais nada, sejanos permittido suspeitar, pela primeira vez, que o illustrado auctor das cartas do *Debate* tem andado a mangar comnosco.

Pois quê? Pois o illustre antagonista está convencido de que o regimen proteccionista fez com que a *abatida lavoura*, de 1821 a 1856, não só tivesse, nos ultimos annos d'esse regimen, trigo para o consumo do paiz, como chegasse, até, a exportar algum?

Isso é sério?

Que o contradictor não lêsse o livro de Boutroux, já nos admirava. Que não lêsse, tambem, a excellente representação dirigida ao governo portuguez em 13 de setembro de 1893, pela *Associação Commercial de Lisboa*, é caso. Representação que corre impressa em folheto, sob o titulo *A Revisão da Lei dos Cereaes*. Representação cujas affirmações ninguem contestou, porque são, realmente, incontestaveis.

Pois não lêu isso? E' caso!

Mas bem. Se não lêu, oiça.

Essa *representação* cita um documento official de altissimo valor, que é o relatorio do director geral do commercio e industria, Moraes Soares, relatorio datado de 23 de fevereiro de 1866 e publicado no n.º 7 do *Boletim* das obras publicas, correspondente ao mez de julho do mesmo anno.

Ora quer saber o que esse funccionario, que não estava *comprado*, sem duvida, pelos moageiros da actualidade, que *compram tudo* no dizer dos donos da terra, para todo o mundo gritar contra elles e a favor dos lavradores, afinal, quer saber o que elle dizia? Vejamos:

«Mas o que nos dá verdadeiro conhecimento dos effeitos das providencias adoptadas para obstar á entrada dos cereaes estrangeiros é a estatistica das alfandegas. No periodo decorrido de 1820 a 1837; isto é, no espaço de 17 annos, a média da importação annual de cereaes estrangeiros, pela alfandega de Lisboa, não desce de 1.083:000 alqueires.

A carta de lei de 14 de abril de 1837, que estabelece direitos protectores tão elevados, que bem se podem reputar prohibitivos, é, em materia de cereaes, a providencia legislativa que por mais tempo vigorou inalteravel. Apenas em 1847, durante a guerra civil, esteve por algum tempo suspensa na plenitude da sua acção.

Não foi porque os annos de 1837 a 1854 se distinguissem pela feliz *abundancia das colheitas;* não foi ainda porque a lavoura do paiz, beneficiada pela paternal legislação do immortal duque de Bragança, *amplificasse os limites da sua producção;* foi sim porque *as côrtes de 1837 realisaram o sonho venturoso de Filippe 2.º*, (1) não rasgando o leito do Tejo, do Xarama e do Manzanares, para os tornar navegaveis até ás portas da villa Coronada, capital da Hespanha, *mas encarregando os contrabandistas do abastecimento dos nossos mercados. Nas herdades limitrophes da Hespanha a industria agricola converteu-se em industria extractiva.* **N'ellas os terrenos não se semeavam, appareciam cobertos de trigo, limpo e secco; não havia mais que ensacca-lo e conduzi-lo aos mercados.**

Desde 1837 a 1854 não houve importação de cereaes pelos portos seccos. A estatistica official não o accusa, pelo contrario regista a sua exportação, e tal que em alguns annos, 1853-1854, excedeu ella a 80:000 alqueires. *Em 1855 tudo mudou de face;* foi grande sem contestação a esterilidade da nossa colheita de cereaes; todavia não se teriam sentido os receios da fome, nem se haveria recorrido ao expediente de abrir os portos molhados, *se nas condições economicas da Hespanha não se houvesse operado uma notavel transformação.*

Os excedentes das colheitas que até áquelles tempos regorgitavam na cavidade *dos silos* das provincias frumentarias da nação visinha, conduzidos pelas novas estradas ás fabricas de farinha de Valladolid, e d'ahi pelo canal de Castella, para onde os procuraram, **deixaram de produzir a inundação forçada dos nossos mercados, que, desprovidos por aquella causa, patentearam logo a necessidade do abastecimento pelos portos molhados.**»

Ahi tem *Um lavrador* o motivo porque o regimen proteccionista fez com que a abatida lavoura, de 1821 a 1856, não só tivesse, nos ultimos annos d'esse regimen, trigo para o consumo do paiz, como chegasse, até, exportar algum. **Foi o contrabando que lh'o deu.**

Isto sabe-o toda a gente que estuda estas questões. Devia-o saber, portanto, *Um lavrador*, antes de fazer affirmações erradas.

Não posso ser sábio em tudo, dir-nos-ha, como já objectou a nosso respeito. Na verdade, quanto mais sábio mais ignorante. Se isto acontece com os sábios, muito mais acontece comnosco, que o não somos. Não temos, nem tivemos, jámais, essa pretenção. Ignoramos muita e muita coisa. Oxalá que o não ignorassemos.

Mas não nos disse já o illustre antagonista que era leitor do *Povo de Aveiro?* Muita honra nos dá n'isso, apressamo-nos a declarar. Como já dissemos, vemos bem que estamos tratando com um homem intelligente, illustrado e honesto. E' a nossa convicção, e não mero cumprimento, nem amabilidade de adversario cortez. Somos pouco dado, seja com quem fôr, a *francesismos*. Até nos chamam *malcreado*. Não sabia o honrado contradictor? Pois saiba. Uns chamam-nos *malcreado*. Outros, *mais delicados*, chamam-nos apenas *excessivo*. Mas é preciso advertir que só somos *malcreado* ou *excessivo* quando dizemos coisas que a esses *desagradam*. Quando dizemos coisas que lhes *agradam*, então não. N'este caso, chegamos a ser uma *maravilha*. E ficariamos sendo *maravilha eterna*, para meio mundo, se só dissessemos aquillo que esse meio mundo quizesse. Como temos a pecha de não pensar pela cabeça dos outros, mas pela nossa, de não subordinar o nosso criterio a partido nenhum, nem a homem nenhum, de dizer a verdade aos proprios amigos, aos conhecidos, aos correligionarios, aos que, tendo-nos applaudido e elogiado em certas occasiões julgam um dever nosso ficarmos escravisado a esses elogios e applausos, como temos essa pecha, somos *malcreado*, somos *excessivo* e somos *tratante*. Homens delicados e honrados são, é clarissimo, os que não teem desassombro, nem independencia, para dizer, com certo decoro, aquillo que sentem. Com certo decoro. Porque catões não ha. Acabaram. Tambem não queremos ser catão. Deus nos livre d'isso. Limita-nos a manter uma independencia decorosa. Nada mais.

Ora, como iamos dizendo, o illustre antagonista é leitor do *Povo de Aveiro* não é? Então não póde allegar ignorancia sobre o ponto de que se trata, porque a elle se referiu largamente este periodico em 30 de agosto de 1903.

Ahi mostrámos nós, com numerosos documentos irrespondiveis, e em outros numeros ainda d'este semanario, que o contrabando de trigos foi sempre a *grande teta* dos moageiros, açambarcadores e lavradores. Ou proprietarios ruraes, se este nome agrada mais ao antagonista que o de lavradores. Concordamos na substituição.

O regimen proteccionista, a que *Um lavrador* se refere, não fez bem nenhum á lavoura, como o prova o preço do trigo antes do regimen, durante o regimen e depois do regimen. Compare, e verá. Leia o folheto citado, que lá vem a comparação.

O verdadeiro regimen protector não começa em 1820, como o contradictor erradamente affirma, mas em 1837. Tambem a *abundancia*, filha do *contrabando*, não foi até 1856, outro engano do nosso illustre antagonista, mas só até 1854. Pois de 1838 a 1854 foi quando o trigo teve menos valor em Portugal!

N'um outro documento notavel, *Relatorio e projecto de lei sobre o commercio dos cereaes*, apresentado ao conselho de commercio, industria e agricultura, pela commissão nomeada em sessão parlamentar de 25 de fevereiro de 1864, composta de José Maria do Casal Ribeiro, Marquez de Niza e João de Andrade Corvo, relator, dizia-se:

«A protecção exaggerada da lei de 1837 de nada serviu para o aperfeiçoamento da nossa agricultura, antes contribuiu talvez para a manter n'uma errada direcção; e nem mesmo deu aos productores de cereaes o que elles esperavam; isto é, um preço elevado a estes productos nos mercados portuguezes durante o periodo em que a producção nacional (o contrabando, é que elles queriam dizer) foi sufficiente para o consumo interno, e mesmo para sustentar uma pequena exportação.»

De tudo se vê que ou o illustrado auctor das cartas do *Debate* esteve a mangar comnosco ou deu pouca importancia ao assumpto.

E continuaremos no numero seguinte.

(1) Filippe 2.º queria tornar o Tejo navegavel de Lisboa até Madrid, por meio do Xarama e do Manzanares. Em 1588 sahiram de Toledo, desceram o Tejo e entraram em Lisboa, seis barcas grandes carregadas de trigo.